

# A IMPRENSA

20 DE JULHO  
DE 1902

# A IMPRENSA

ORGAM HEBDOMADARIO, DOUTRINARIO E NOTICIOSO

ASSIGNATURA ANNUAL 12\$000

SEMESTRE..... \$500

ANNO VI

Parahyba, 20 de Julho de 1902

N. 238

REDACCAO E ADMINIS-  
TRAÇÃO

RUA NOVA, MOSTEIRO DE  
S. BENTO

EXPEDIENTE

"A IMPRENSA... publica-se aos  
domingos.

Acceita toda colaboração desde  
que seja digna de ser publicada. Não  
se publicam escriptos cuja procedencia  
seja ignorada pelo Director.

A IMPRENSA

FALSOS PROPHETAS

Nos ultimos dias do governo  
monarchico e nos primeiros do  
regimen actual ouviam-se de todos  
os cantos deste imenso paiz vozes  
de falsos evangelistas republicanos  
em dia pasão com as dos inimigos  
do catholicismo anuncianto  
proximo advento de progresso para  
a Patria e inevitável derrocada da  
Egreja que as sediças sentenças  
dos que a tem perseguido estão  
tados os dias a proclamar.

Mais uma vez foram baldados os  
esforços dos apaniguados discípulos  
do famoso Voltaire e nem uma nem  
outra coisa que pregavam no co-  
meço da Republica lhes deu resul-  
tado satisfactorio.

O paiz longe de pregar tem,  
cada dia que se passa, se arruinado  
extraordinariamente, e a tão de-  
sejada derrocada do Catholicismo  
não veio substituir ás suas glorias,  
os seus triumphos e as maravilhas  
hontem festejados.

Sobre os destroços do trono  
celebraram funeraes, mas fizeram  
guerra a Egreja catholica coroa-  
ram-lhe de trophéos, de exitos os  
mais felizes.

No programma de scas ataques  
a Egreja entrou como parte essen-  
cial a liberdade de cultos, querendo  
elles com isto atemorizar os ca-  
tholicos, impedir-lhes o passo e pro-  
var-lhes que ha muitas religões,  
que todas são boas, podendo cada  
uma d'ellas garantir a felicidade  
do homem. Nada mais falso.

Estas asserções não são mais do  
que utópias mostrando si e como  
diz Ventura de Raulica «des chi-  
mères dont le sacrilège lo dispute à l'absurde et tau ridicule».

Religião não é senão a expressão  
das relações entre o homem e Deus,  
entre o homem e seu semelhante.

Ora, como ha um só Deus, sem-  
pre o mesmo, e uma só humani-  
dade, sempre a mesma, não ha,  
não pode haver senão uma só re-  
ligião, sempre a mesma.

Pode ser considerata sob tres  
formas: a forma pagã, a forma

philosophica ou herética e a forma  
catholicica.

Sob esta ultima é que tem toda  
pureza e integridade, encerra a  
verdadeira palavra de Deus e faz  
a felicidade de todos que a pro-  
fessam e a observam; *Basti qui  
audiant verbum Domini et custodiunt illud.*

Dizemos, segundo as idéas e os  
ensinamentos expendidos pelo  
notavel escriptor já citado, que o  
homem intellectual tem duas ne-  
cessidades innatas, profundas, in-  
destructiveis: a necessidade de  
crer e a de raciocinar. Estas duas  
necessidades se traduzem no ho-  
mem social por duas outras: a  
necessidade de obedecer e a de ser  
livre. Porque a obediencia é a fé  
do coração, como a fé é a obedi-  
encia do espírito, e a liberdade é  
o raciocínio da ação, como o ra-  
cioçínio é a liberdade do pensa-  
mento.

A necessidade de crer é tão  
grande para o homem intellectual,  
que, muitas vezes, prefere crer  
cegamente tudo, d'ahi a supers-  
tição, à não crer em coisa alguma.

E a necessidade de racionar é  
tão indispensavel, que muitas ve-  
zes, leva o homem a repellir a  
crença, e d'ahi a incredulidade, ou  
a preferir esta aquella.

Do mesmo modo a necessidade de  
obedecer para o homem social é tão  
poderosa que, algumas vezes, pre-  
fere o servilismo, à verdadeira obe-  
diencia a toda autoridade. A nec-  
cessidade da liberdade não é para el-  
le de menos importância, de modo  
que, as vezes acontece, elle pre-  
ferem não crer na moral, na  
autoridade e d'ahi a rebeldia, à pros-  
ter submissão á autoridade.

Como, poia, o problema do ho-  
mem intellectual se reduz á que en-  
trar o inicio de conciliar a fé com a  
razão e a sciencia, o problema do  
homem social se reduz a en ostrar  
o meio de conciliar a fé com a  
independencia e a liberdade.

O enredo págio diz ao homem in-  
tellectual: crede sem raciocinar  
e ao homem social: obedecet  
sempre e repeli e mo uma ten-  
tação toda idéa de liberdade.

Ao contrario, o ensino philoso-  
phico e herético diz ao homem in-  
tellectual: raciocinare sempre e  
não creder, porque o livre exame  
regeite toda a crença; e ao homem  
social: não obedecer a ninguem  
porque sois livres. Estes dois en-  
sinamentos prometem, como hemos mes-  
trado, satisfazer uma das duas ne-  
cessidades do homem intellectual  
e do homem social á custa de ou-  
tra necessidade.

Pode ser considerata sob tres  
formas: a forma pagã, a forma

homem intellectual: crêde e ra-  
cioçinare, *nrationabile obscurum res-  
trum*, e ao homem social: «obe-  
decei ao poder como á Deus».

Logo, fora do catholicismo, ou  
uma fé cega mata a sciencia, ou  
uma sciencia intemperante exclui  
a fé, e o problema do homem in-  
tellectual torna-se insolvel; do  
mesmo modo, ou uma obediencia  
servil destroea a liberdade, ou uma  
liberdade anarchica torna impossí-  
vel a obediencia, e o problema do  
homem social fica tambem sem so-  
lução.

A tão favorecida liberdade de cultos,  
mensageiro, no dizer dos sec-  
tarios, de infinitade de benefícios  
achando logo abertas as portas do  
nosso pacto fundamental, penetrou  
de Brazil a dentro, percorreu todas  
as camadas da sociedade, trouxe-  
lhe o contracto civil, uma enchen-  
te de missionários protestantes qu e  
de sua patria sahiram bem remune-  
rados e instruidos no trama de colonizar e assenhorear-se dos Esta-  
dos, etc... ; mas, sempre os efeitos  
colhidos, passado o momento anom-  
al, têm contrariado os desejos dos  
seus fervorosos adeptos. Tornaram-  
se então em falsos prophetas aquael-  
les mesmos que hontem, no prin-  
cipio da Republica, pretenderam  
alojar do bordo social o catholicis-  
mo para, sobre seus encombros,  
passar o carro triumphal da libe-  
rda de de cultos, das mil seitas de Lu-  
thero já sem vida na Europa e to-  
dos os progressos sonhados.

O resultado de tantas coisas nu-  
vas com que nos presentaram ahi  
está aos olhos de todos: o paiz em  
liquidación e o servilismo no ex-  
trangeiro, de um lado; de outro (o  
que elles não queriam que assim  
aconcedesse) o catholicismo na sua  
marcha ininterrupta alargando os  
seus horizontes e beneficiando a  
humanidade.

## O CHAMADO ENSINO MORAL MODERNO

Em sua feroz animosidade con-  
tra a Egreja, os discípulos dos se-  
mentadores de ruínas, do século 18,  
os continuadores dos encyclopedistas,  
na constante fúria de dar com-  
bate aos ensinamentos do catholicis-  
mo, incansaveis em seu trabalho  
de sapa, e certos de que a posse  
das escolas muito lhes ampliará os  
meios de ação, têm procurado a-  
poderar-se do ensino, e, infeliz-  
mente, forçoso é confessar, em pa-  
íses catholicos, conseguido es-  
tabelecer o predominio de suas dou-  
trinas de odio e de revolta, de  
guerra ao espiritualismo e de ado-  
ração exclusiva e absoluta aos  
bem mundanos.

Nas escolas publicas da França,  
por exemplo, a moral ensinada, essa  
moral de que tanto alarde fazem  
os pedagogos e os pseudophiloso-  
phos, não é mais do que um amon-

toado de theorias contraditorias  
e sem fundamento.

O que lhes empresta uma certa  
consistencia, o que lhes dá a appa-  
rencia de corpo de doutrina, vem  
a ser exagerado eunho antiechris-  
ta, atheistico e anarchico, em que  
os homens sensatos enxergam os  
maiores perigos.

Assim percebemos rapidamente  
alguns tratados de Moral que os  
diversos conselhos, Geral e Departamen-  
tales, de Instrucción Publica  
fizeram adoptar nas Escolas Go-  
vernamentaes no anno de 1901.

Autores ha que sómente num  
jingoísmo exagerado entrevêm a  
regeneração do paiz, outros em  
immensos calhamãos atribuem  
todos os males da época á per-  
sistência de superstíciones tradicionaes  
outros ao alcoholismo e algum ainda  
à intolerancia religiosa!

Um verdadeiro manicomio pe-  
dagógico esta Babel de opiniões.  
O Sr. Brochard, em sua *Moral  
ancienne et morale moderne* esbra-  
veja contra o catholicismo «fossilizado» e suspira pala volta á mor-  
al dos gregos; o Sr. Cantecour,  
por sua vez, declara, em sua *Traité de Morale*, que a Moral é inteira-  
mente empirica e nada tem que  
ver com a «bolha metaphysica reli-  
giosa».

Mr. Dunan, em seus *Principes de  
Moral*, quer que os individuos vi-  
vam em paz com a sua consciencia  
e com a natureza universal sem co-  
gitar da existencia de forças supe-  
riores.

O Sr. Lalaude, na sua *Personali-  
té Morale*, considera perfeitos os  
individuos *intelligentes* e *imparciales*,  
livres de preconceitos provenientes  
de quaequer habitos ou tradi-  
ções, costumes de sociedade ou  
moda, etc.

Taes phenix devem ser organi-  
zados de modo tal que o meio so-  
bre elles não possa exercer a mi-  
nima influencia.

O Sr. Lanessan coloca na chimi-  
ca e na biologia a base da moral.  
Bordeau atira de lado a chimica,  
substituindo-a pela anthropologia,  
a psychologia e a sociologia.

O Sr. Helleux manifesta-se spen-  
ceriano exagerado; o Sr. Moch a  
tudo antepõe o culto da solidarie-  
dade humana e afinal o professor  
Tivier, em seu *Au pays des systèmes*,  
proclama a excellencia do peri-  
petuismo e em Aristoteles vê o  
único mestre, ainda hoje.

Apenas um desses autores, o Sr.  
Ravaison, atreve-se a fallar, muito  
de passagem, em Deus: envergo-  
nhado, provavelmente, de ideias  
tão anachronicas, extende-se de-  
pois em explicações interminaveis.  
Em todos os pedagogos citados do-  
mina intensa animadversão pela  
Egreja.

A moral catholica, avança pe-  
remptoriamente um desses educa-  
dores, é *in totum* condenável,  
pois que tem a transformar o  
mundo em um vasto convento!!!

Nos diversos livros a que nos re-  
ferimos falla-se extraordinariamen-  
te na moral de Aristoteles e de  
Platão, na de Voltaire e de Ros-  
seau. A Christo não se faz allusão.

«Aliás isso entra no plano geral  
de deschristianizar a França», ex-  
clama indignado o illustre escriptor  
e historiador Conde Alberto Vau-  
dal, da academia Franceza, quando  
no *Correspondent*, de 25 de Mar-  
ço do corrente anno, denunciava o  
facto da Municipalidade de Pariz

ter adoptado e recomendado com  
instancia nas escolas publicas da  
cidade um livro, *Récits Familiares*,  
em que se define o christianismo:  
«Uma religião do Oriente, que  
Orientaes introduziram nas Gallias,  
dando isso lugar a pequenos attric-  
tos em que alguns sectarios, depois  
de honrados com o titulo de Santos,  
peroceram.»

Constitue a obra um resumô da  
historia da França e entre outras  
preciosidades diz que «maior mal  
fez a França qualquer dos conte-  
sores de Luiz XIV, isoladamente,  
do que todas as mulheres que do-  
minaram, juntas.»

Note-se bem, que o livro é des-  
tinado ás escolas de meninas.

Os mais moderados dos moder-  
nos educadores dizem com o pro-  
fessor Bmission, da Universidade  
de Pariz: «Escola sem padres,  
mas não sem Deus!»

O funesto sistema da França  
de nossos dias tem adeptos e inau-  
meros em todos os paizes, que pro-  
curam, de todos os modos pôr em  
execução as praticas de seus cor-  
religionarios daquella republica.  
Contra estas, como tanto temos  
dito nestas columnas torna-se im-  
possivel a opposição de todos os  
elementos a quem o anarchismo,  
fatal consequencia do ensino sem  
Deus, amedronta.

Resistamos, pois, como na Bel-  
gica e nos Estados Unidos se faz,  
e como na propria França leva a  
cabô a acção dos catholicos, a  
quem a violencia de governos ty-  
rannicos omnipotentes não assusta  
nem faz desanimar, consciencios da  
boa causa que defendem e encor-  
ajados pelos successos obtidos  
num campo do batalha disputado  
palmo a palmo.

Respondem elles ás escolas lei-  
gas com a fundação de estabeleci-  
mentos em que se incute nas cre-  
anças a fé em N. S. Jesus-Christo  
único remedio contra as agrura-  
da vida.

(Do Estandarte Catholico)

## NOTICIAS

Festa das Neves. — Foi  
transferida pelo digno Vigario  
da Freguezia de acordo  
com os srs. Juizes e varias  
comissões para o dia 15 do  
corrente sendo o levantamento  
da bandeira no dia 5.

### Dr. Grigorio Costa

Tem sido muito sentida em todo  
o norte de S. Paulo, a morte do  
dr. Gregorio Costa, distinto ad-  
vogado residente em Pindamon-  
hangaba, de onde era filho. O  
fim era geralmente estimado.  
Occupou varios cargos de eleição  
popular, desde juiz de paz até deputado  
provincial, e no imperio, sob  
o primeiro ministerio Saraiva, foi  
presidente da província da Para-  
hyba do Norte.

A mesa da Conferencia Assem-  
reira da Bahia endereçou ao  
presidente da Republica um tele-  
gramma, comunicando que, foi  
ali votada unanimemente uma mo-  
ção pedindo ao governo a apro-  
vação dos impostos inter-estaduais  
e inter-municipaes.

**Directoria** — Recebemos da Sociedade «Mocidade Catholic» um officio comunicando-nos que no dia 21 do cedente ia comemorar em uma sessão magna o seu 1º. aniversario e a posse de sua nova Directoria que governará seus destinos de 21 de Julho de 1902 á 21 de Julho de 1903.

Agradecendo o convite que nessa occasião se dignou enviar-nos para assistir essa solemnidade desejamo-lhe muita prosperidade.

Visitou-nos a semana passada o estimável cavalheiro **Sur. João Ezequiel Redactor da Aurora Social**, que se publica no Recife.

Nós confessamos gratos.

Nesta cidade têm caído copiosas chuvas. Constanos que estenderam-se embora com menos intensidade até Pocinhos.

Em Alagoa do Monteiro onde esteve em visita o Exmo. **Sur. Bispo** chrismaram-se 2596 pessoas e houve 1.100 comunhões.

Na povoação de Santa Clara, seis leguas ao sul da séde da mesma Freguezia, o numero de pessoas chrismadas subiu a 450. e o de comunhões à 200.

H' muito provavel que S. Exc. já se ache em Piancó tendo estado em Teixeira e em Patos.

Estampamos hoje o segundo artigo que o illustre e talentoso magistrado dr. Abel Peixoto escreveu no «Jornal do Recife» sobre o caso de Princeza.

Realisa-se hoje a festa do Carmo, sendo celebrada ás 9 1/2 da manhã missa cantada a grande orquestra confiada ao digno maestro Placido Cesar.

O Evangelho pregára o talentoso sacerdote Ignacio d'Almeida. Haverá ás 6 horas da tarde benção solene do S.S. Sacramento e à noite serão administradas algumas peças de fogos de artificio, estando o padeiro da Igreja bem ornado.

A benemerita Sociedade de Vizente de Paula realiza domingo vindoura a festa seu glorioso patrono com a procedência de um tríduo no qual pregare o Conego Dr. Antônio e Padres Odilon Coelho e Ignacio d'Almeida.

**TERRÍVEL!**

Lemos em importante Revista que «grande vulcânica de Marca é a catastrophe mais espanhola nos tempos pela rapidez.

«... bombarda e mesmo em poucos instantes por causa de fumaça e um chovei grande incandescente. Das bombas incendiadas as paredes; dos

trinta a quarenta mil habitantes só restam grandes montões de cadáveres, nus, assados, denegridos; e da agitação habitual d'aquela centro de comércio, não ficou nenhum sinal de vida, nem uma voz humana, nem se quer uma mosca à roda d'aquelas carnes em putrefação!

A morte parece que foi causada, ainda antes da erupção da lava, pela inflamação dos gases hidrosulfúricos, que asphyxiaram os habitantes.

«É horrível, escrevia um jornalista atheno, citado por *La Croix*... Quando vi as ruínas d'uma cidade corrente celebrada pela posterioridade das Cisnes de Mantua, Horácio, Cicerão e inventador de Catilina no Senado, historiadores como Tito Lívio e escritores como Tacit, Ovídio e muitos outros, a nossa veracidade pôr, unindo os extremos do Atlântico, recorre as preciosidades as flores de linagem primorosa, correcta e pura que muitos escritores tem derramado desde o século XVI onde se fixou decididamente seu período clássico e estylistico até os dias que passam pelos cémos das cordilheiras da terra do Grizeiro e pelos doces vergeis do jardim plantado a beira do mar, expressão antonimastica de Garret, nascida do amor patrio.

A nossa língua recolhe as reliquias dos primeiros de Camões, São de Miranda e Bernardino Ribeiro na phase quinhentista, de Vieira, Freire de Andrade e Mousinho de Quevedo na phase seisentista, de Montalverne, Alexandre de Gusmão e Barbosa Machado no século XIX, e de Garret, Herediano, Castello Branco, Castilho, F. Octaviano, Torres Homem, e muitos que seria longo enumerar, nos fastos contemporaneos.

E as linguas, disse grande filólogo, «não se fixam, são rios que tendem sempre a augmentar em caudais a proporção que mais se alongam da matriz». Estam sempre sujeitas a duas forças da conservação e revolução, continua Darinstater.

## II

Recofheçamos a herança que pelas relações comerciais e literarias, a língua portugueza inseriu no seu dílexico.

Assim devemos ao Indio, ao Slavo, ao Hespanhol, ao Italiano, ao Inglez, ao Alemão, ao Francez, e tanto ao latim nem fallamos, por que da descendentes filologicamente fallando.

Na língua falada aqui no Brasil contamos o grande elemento tupi-guarany que o immortal escritor do Iraçem aí fundiu no clássico. Assim José d'Alemane d'eu cunho patrio a suas reitorias d'eu dizer dum grande escritor, e o primeiro tributo que o filho deve pagar a seu berço.

E' o sólido cimento que deve preparar as manifestações do pensamento quer procedam nas ardentes e ardentes da poesia, quer demonstram na frieza da philosophia e obtengam soluções dos cálculos positivos, quer na história falem com franqueza da verdade, quer em literatura produzam esses matizes que encantam, que atrahem e que elevam.

*Utiles tragediae: alunt et lyrics; si tamen in his non auctores modo, sed etiam partes operis elegitis, diz Quintiliano — Inst. orat. Liv. I cap. VIII.*

## CAMARGOS

E, a imitação dos fenícios e persas, lá mesmo adormecidos ainda no berço das gerações, mas que cultivavam com deodoro, ardor e coragem, gosto e amor patrio a rancarino-nos do triste marasmo que nos atrofia, e, reconhecendo os primeiros de nossa língua tão doce na prosa, tão elevada no verso, tão prompta para convencer,

tão branda como a francesa, tão harmoniosa como a castelhana, tão maviosa como a italiana, exaltam nos estupendos de A. Pereira, clássico quinhentista:

«Floresça, falte, cante, ouça-se e viva!

A portuguesa língua, e já onde for, Senhora vá de si, soberba e altiva!

Si a língua latina, o idioma de Lacio, embora hoje morta (apesar dum revivalismo que já vae operando nos maiores centros culturais como na Alemanha) entretanto corre celebrada pela posteridade por causa dos Cysnes de Mantua, Horácio, Cicerão e inventador de Catilina no Senado, historiadores como Tito Lívio e escritores como Tacit, Ovídio e muitos outros, a nossa veracidade pôr, unindo os extremos do Atlântico, recorre as preciosidades as flores de linagem primorosa, correcta e pura que muitos escritores tem derramado desde o século XVI onde se fixou decididamente seu período clássico e estylistico até os dias que passam pelos cémos das cordilheiras da terra do Grizeiro e pelos doces vergeis do jardim plantado a beira do mar, expressão antonimastica de Garret, nascida do amor patrio.

As pessoas criminalmente responsáveis são autores ou cúmplices (cod. pen. art. 17) e entre os autores não ha principaes e secundarios todos são autores.

Só entram na classe dos autores os que se acham comprehendidos nos §§ 1. 2. 3, 4 do art. 18 do Código Penal, e na classe dos cumplidos os comprehendidos nos §§ 1. 2. 3, 4 do art. 21 do Código.

O suggestionador, o que incute no espírito de outro e a ideia de praticar o crime, o que por meios indirectos e insinuantes consegue que outro participe de sua vontade e a execute, se é classificado autor, em que § do art. 18 está incluído?

— Só pode ser no §. 2, p. r. n'elle diz o Legislador que são autores «os que tendo resolvido o crime procurarem e determinarem outros a executar-o por meio de dadias, promessas, mandatos, ameaças, constrainto, abuso ou influencia de superioridade hierárquica.» Não sabemos por que meiólogico se pode incluir n'esta disposição legal a suggestion, maxime desconfiada o mesmo padre Nonato Pitta que

Manoel Florentino e José Polycarpo Florencio.

Assim devemos ao Indio, ao Slavo, ao Hespanhol, ao Italiano, ao Inglez, ao Alemão, ao Francez, e tanto ao latim nem fallamos, por que da descendentes filologicamente fallando.

Na língua falada aqui no Brasil contamos o grande elemento tupi-guarany que o immortal escritor do Iraçem aí fundiu no clássico. Assim José d'Alemane d'eu cunho patrio a suas reitorias d'eu dizer dum grande escritor, e o primeiro tributo que o filho deve pagar a seu berço.

E' o sólido cimento que deve preparar as manifestações do pensamento quer procedam nas ardentes e ardentes da poesia, quer demonstram na frieza da philosophia e obtengam soluções dos cálculos positivos, quer na história falem com franqueza da verdade, quer em literatura produzam esses matizes que encantam, que atrahem e que elevam.

*Utiles tragediae: alunt et lyrics; si tamen in his non auctores modo, sed etiam partes operis elegitis, diz Quintiliano — Inst. orat. Liv. I cap. VIII.*

## CAMARGOS

E, a imitação dos fenícios e persas, lá mesmo adormecidos ainda no berço das gerações, mas que cultivavam com deodoro, ardor e coragem, gosto e amor patrio a rancarino-nos do triste marasmo que nos atrofia, e, reconhecendo os primeiros de nossa língua tão doce na prosa, tão elevada no verso, tão prompta para convencer,

testemunhas e fez autas de paragens entre os quais alguns em segredo d'justiça.

Não praticava o padre Nonato Pitta um só segredo, que tivesse relação com o assassinato? ou dela se podesse inferir mesmo indícios remotos de criminalidade? porem havia necessidade de escândalo, e um *padre assassino* é um achado importante que a torpes de muitos espíritos era, e a seiva do padre Nonato Pitta era.

Polícia cumplice! de Manoel Florentino de Andrade e José Polycarpo Florencio.

Não sabemos, como poudre ilustrado dr. Chefe de Polícia a luz dos principios de direito, para a precisão da legislação penal estabelecendo o que seja culpabilidade, qualificar d'esta forma o crime do padre Nonato.

O dr. do dr. Chefe de Polícia, no mais recente processo do crime da Princesa, por isso apenas tocavam os pontos notáveis do sumário, dando assim uma noticia sucinta do que n'elle ha.

Abel Peixoto.

(Continua)

(Do Jornal do Recife)

CARTELA DE LIBERTAD

CARO CAMARGOS

In necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas.

S. Agostinho.

TRATADO DE TRABALHOS DE AGULHA

Lemos no Jornal do Commercio:

O celebre bispo de Hypona deiou em auroa sentença a maneira de progridir do espírito humano em face dos acontecimentos.

No que é importante, immenso, necessário; no que é origem de altas derivações, princípio relevante, unitas: in necessariis unitas.

S. Agostinho.

O nosso maximo interesse é correr ao encontro dos interesses e desejos de nossas leitoras e assinantes.

Neste proposito nunca reuviemos deante de despezas ou de dificuldades: porque acima de tudo collocamos o serviço dos que nos dispensam a sua grande estima e alta consideração.

E assim que, tendo se esgotado

a 2ª edição do nosso Tratado de liberdade: in dubiis libertas; mas não essa liberdade a moderna, que abate o princípio de autoridade, que tyranniza, anarquia e em longas demandas subverte a ordem social. Em tudo podemos presidir a caridade — in omnibus caritas.

Em tudo a misericordia e a compaixão.

Assim, presida a caridade todos os nossos actos, domine revestida do autor de Deus todos os nossos destinos.

O valor do tratado é geralmente reconhecido, pois se occupa de tudo quanto pode interessar a uma senhora que goste de trabalho de agulha.

Muitas são as gravuras que ilustram, desenvolvidos os textos, completas as explicações. Como attestado da grande aceitação que teve o tratado, basta dizer que já se foram duas edições em pouco tempo.

Temos certeza de que a nossa ideia agrada aos que nos honram com sua confiança.

As medidas pouco melhoraram a situação. O único remedio é a observância, por parte dos pais, dos mandamentos de Deus. E' a lei divina que proíbe, como crime, a ladraria e em longas demandas subverte a ordem social. Em tudo o professor Lourdes, dedicar-se à mortalidade dos adultos. O professor Lourdes, tratará da morte, e com o devido respeito, o Veni Creator e, em seguida, depois de todas as Zeladoras e Associações, em presença de grands numero de fiéis que enchião o Templo, foi solemnemente instalado o Apostolado da Oração, para maior glória do Sagrado Coração de Jesus e bem das almas da Paróquia. Deu-se o nome Vigorioso à este acto, cantando-se, de joelhos e com o devido respeito, o Veni Creator e, em seguida, depois de todas as Zeladoras e Associações, estando sentadas, o Rvmo. Vigorioso fez a distribuição das respectivas patentes e diplomas, fazendo, logo apóz, uma allocução, explicando as vantagens do Apostolado da Oração e as respectivas obrigações das Zeladoras e Associações.

A 9 horas foi cantada a Missa em honra do Senhor do Bonfim, pelas dez horas da manhã, depois de célebre oração a Missa pelo Reverendissimo Vigorioso José João Pessoa da Costa, tendo conmemorado todas as Zeladoras e Associações, e em presença de grande numero de fiéis que enchião o Templo, foi solemnemente instalado o Apostolado da Oração, para maior glória do Sagrado Coração de Jesus e bem das almas da Paróquia. Deu-se o nome Vigoroso à este acto, cantando-se, de joelhos e com o devido respeito, o Veni Creator e, em seguida, depois de todas as Zeladoras e Associações, estando sentadas, o Rvmo. Vigorioso fez a distribuição das respectivas patentes e diplomas, fazendo, logo apóz, uma allocução, explicando as vantagens do Apostolado da Oração e as respectivas obrigações das Zeladoras e Associações.

Por fim, eu Secretaria das Zeladoras, li o acto da Consagração das Zeladoras do Coração de Jesus.

Eu, Minervina Clementina, Zeladora Secretaria, a escrevi.

Director Local, Vigorioso José João Pessoa da Costa.

Presidente, Eusebia M. das Dóres.

Secretaria, Minervina C. da Costa.

Thesoureira, Durelimma P. da C.

Zeladoras, Adelina Augusta da Silva.

Deolina Pereira da Silva, Etielvina Dyonisio de Barros, Julia Guedes de Lyra, Francisca Pereira da Cunha, Maria Olympia Cezar dos Santos e Isabel Mario dos Pas-

sos.

Associadas, Joanna Freires de Vasconcellos,

Joaquina Maria de Sant'Anna, Leonor Raimunda de Oliveira,

Maria Jose Victorina de Albuquerque,

Amelia Paula de Oliveira, Joaquima Maria Bezerra, Pergentina Etielvina da Silva, Anna Maria Gonçalves, Alexandrina Theodora das Neves, Maria da Penha de Oliveira, Innocencia Marques de Oliveira, Francisca Maria da Conceição, Severina Pereira da Silva, Thereza Pessoa de Oliveira e Amélia Ernestina Pessoa da Costa.

Zeladoras, Joao Rodrigues dos Santos, Joao Pedro dos Santos, Angelo Manoel Pereira e Lylio Elvicio Carneiro da Cunha.

Associados, Ernesto Eloy Pereira da Cruz,

João Sebastião Pereira da Cruz,

Olavo Pereira da Silva, João Francisco de Souza e Germundo Luiz Ribeiro.

— »

CARTÃO DE VISITA

Impresso

AQUI.

O desembargador dr. José Peregrino, Presidente do Estado, ou era enganado, e é lamentável que assim aconteça; ou afrouxo o desrespeito contra o padre, surgiu o desrespeito contra o direito de seus conciliados, ciência, calma e friamente e assim deixa de merecer os homens titulos que sempre acompanharam seu respeitável nome.

In necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas.

Adois Camargos, prosegue em teos passos seguros e firmes desbravando estas urzes que se espalham no caminho por onde trilham os homens de bem.

D. Prudencia e D. Civilidade.

PARAHYBA, 20 de JULHO de 1902.

— : —

